



## O GEBO E A SOMBRA 2012

**Realização:** Manoel de Oliveira

**Argumento e diálogos:** Manoel de Oliveira, a partir da peça de teatro homónima de Raul Brandão

**Direção de fotografia:** Renato Berta

**Música:** Jean Sibelius (*Alegro Impetuoso*, Concerto para violino em Ré menor op. 47), Ferruccio Busoni (*Alegro Impetuoso*, Concerto para violino op. 35a), Shostakovich (*Sinfonia n.º 15*)

**Som:** Henri Maïkoff

**Direção artística:** Christian Marti

**Guarda-roupa:** Adelaide Trêpa

**Montagem:** Valérie Loiseleux

**Misturas:** Tiago Matos

**Assistência de realização:** Olivier Bouffard, Francisco Botelho

**Anotação:** Júlia Buísel

**Interpretação:** Michael Lonsdale (Gebo), Claudia Cardinale (Doroteia), Jeanne Moreau (Candidinha), Leonor Silveira (Sofia), Luís Miguel Cintra (Chamiço), Ricardo Trêpa (João).

**Produção:** O Som e a Fúria, Epicentre Films, com a participação do Instituto do Cinema e do Audiovisual (Portugal), Centre national du cinéma et de l'image animée, Région Ile de France, Canal+ (França), Cine+, RTP

**Produtores:** Luís Urbano, Sandro Aguilar, Martine de Clermont-Tonnerre

**Direção de produção:** Jacques Arhex, Joaquim Carvalho

**Imagem:** Dolby Digital, cor

**Duração:** 91 minutos

**Estreia mundial:** Festival de Veneza, 5 de setembro de 2012

**Estreia em Portugal:** 11 de outubro de 2012.



### O GEBO E A SOMBRA

Os tempos ditos de crise são propícios à contabilidade, ao balanço do que ficou para trás e à conjectura do que aí vem ou pode vir. Disso trata o mais recente filme de Manoel de Oliveira, *O Gebo e a Sombra*, realizado a partir da peça de teatro homónima de Raul Brandão, publicada em 1923. Herdeiro do pessimismo decadentista de finais do século XIX, o texto é posto em diálogo com o presente para pensar a precariedade económica, como agora se diz. Feitas bem as contas e traduzidos, talvez por isso mesmo, os diálogos para francês, o filme prolonga a reflexão acerca da falta de dinheiro que, desde *Singularidades de uma Rapariga Loura* (2009) e *O Estranho Caso de Angélica* (2010), tem constituído uma das preocupações mais recorrentes do realizador. Importa, por isso, perceber de onde vem esta inquietação e recordar que se Manoel de Oliveira disse uma vez que as personagens de *A Caixa* (1994) podiam ser as crianças de *Aniki Bóbbó* (1942) em adultas, são porventura estas mesmas figuras que reaparecem em *O Gebo e a Sombra*, agora em velhas. É, efectivamente, à luz desses dois filmes que a mais recente realização de Oliveira pode ser entendida. No primeiro filme, que é igualmente a primeira longa-metragem do autor, as brincadeiras pouco infantis dos protagonistas deixavam transparecer, nas margens do Douro, um mal-estar social generalizado, não faltando quem o tivesse visto como um precursor do neorealismo italiano.



O Estado Novo ditava, então, as regras do jogo e a penúria dos *meninos milionários*, sem justificar a violência, nem o tormento culposo de Carlitos depois de subtraída a boneca da montra da “Loja das Tentações”. No segundo, decorrido mais de meio século, é já num Portugal democraticamente aderido à CEE que vizinhos e parentes cobiçam a caixa de esmolas do cego, à qual se dará efectivamente sumiço. Findo o tempo das vacas gordas, outra é a mala de dinheiro roubada em *O Gebo e a Sombra*, diferente a sua proveniência.

*O Gebo e a Sombra* é um filme claustrofóbico do primeiro ao último plano. Visto de perfil, imóvel num cais de embarque, um homem fixa com determinação um ponto exterior, antes de sair abruptamente do enquadramento e deixar o espectador face à massa opaca de um cargueiro sobre o qual se inscreve o genérico. O plano actualiza, por certo, o sentido do “mar português” de Pessoa, ao mesmo tempo que sintetiza o conflito central do filme numa tensão entre um apelo do infinito e uma perspectiva sem ponto de fuga. A personagem que vemos nesse plano inaugural, João (interpretado por Ricardo Trêpa), não volta a aparecer durante o primeiro terço do filme, embora nunca abandone o espírito daqueles que lhe são próximos: Sofia (Leonor Silveira), sua mulher, heroína de melodrama remetida a um pesado silêncio; Doroteia (Cláudia Cardinale), a mãe que alimenta o fantasma de um filho ideal; e Gebo (Michael Lonsdale), o pai

